



SOBRE APRENDER E ENSINAR: USO DE PLANTAS SAGRADAS NUMA TRADIÇÃO AMAZÔNICA

Some to learn and teach: use of sacred plants in the amazon tradition

Ricardo André Rocha Monteles¹
Antonio Carlos Witkoski²

Resumo: Desde tempos imemoriais, culturas se estabelecem em torno da apropriação do potencial psicoativo do ambiente, por meio de processos de aprendizagem associados à sacralização de plantas. Através de relatos escritos e experiência empírica examinamos aspectos da circulação de saberes no contexto de uso e sacralização de plantas em uma tradição religiosa amazônica. Trata-se de experiências legítimas, as quais configuram situações efetivas de comunicação e aprendizagem, por meio da expressão de uma epistemologia das plantas sagradas, em que se conformam saberes e práticas de uso próprias, e em franco processo de expansão para muito além dos domínios amazônicos. Esta diáspora de saberes e plantas, associada à recente expansão das religiões brasileiras da ayahuasca põe em destaque uma versão amazônica da experiência religiosa, conformando individual e coletivamente um processo pedagógico transversal, acercando-se da noção corrente de autoconhecimento. Como alimento do espírito, passa a questionar as bases cognitivas de uma modalidade ocidental ordinariamente única de aprendizagem, ao favorecer e potencializar a produção e circulação de saberes a partir de uma intencionalidade imaterial e de uma relação horizontal gente-planta.

Palavras-chave: Amazônia. Saberes. Plantas Mestras. Espiritualidade cabocla.

Abstract: Since immemorial time, several cultures have been appropriated of the psychoactive potential of the environment, through learning processes associated with the sacralization of plants. Through bibliographic research, written reports, and empirical experience we examined aspects of the propagation of knowledge in the context of the use and sacralization of plants in an Amazonian religious tradition. These are legitimate experiences, which configure effective situations of communication and learning, through the expression of an epistemology of sacred plants, in which are conformed their own knowledge and practices of use, and in frank process of expansion beyond the realms Amazonian. This Diaspora of knowledge and plants, associated with the recent expansion of the Brazilian ayahuasca religions, highlights an Amazonian version of religious experience, individually and collectively forming a transversal pedagogical process, approaching the current notion of self-knowledge. As a food of the spirit, it begins to question the cognitive bases of an ordinarily unique western modality of learning, by favoring and potentializing the production and circulation of knowledge from an immaterial intentionality and a horizontal people-plant relationship.

Key words: Amazon. Knowledge. Teacher plants. Cabocla spirituality.

Como citar este artigo: MONTELES, R. A. R; WITKOSKI, A. C. Sobre aprender e ensinar: uso de plantas sagradas numa tradição amazônica. *Areté – Revista Amazônica de Ensino de Ciências*, Manaus, v.10, n.21, p. 208–215, Número especial, 2017.

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia – PPGCASA/UFAM. Manaus, Amazonas, Brasil. E-mail: ricmonteles@yahoo.com.br

² Doutor em Sociologia. Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia – PPGCASA/UFAM. Manaus, Amazonas, Brasil. E-mail: acwitkoski@uol.com.br

Introdução

Desde as estepes siberianas até os recônditos mais longínquos da floresta amazônica, diversos povos vem, há séculos ou mesmo há milênios, se apropriando do potencial psicoativo do ambiente circundante, consolidando entre grupos autóctones em todo o planeta, complexas culturas de sacralização de plantas (FURST, 1980).

Os potentes efeitos na *psique*, a mitologia, os ritos e todo o conjunto simbólico correspondente, teriam feito do tabaco (*Nicotiana* spp.; Solanaceae) em toda a América, do *peyotl* (*Lophophora* spp.; Cactaceae) na América Central, da jurema (*Mimosa* spp.; Leguminosae) nas culturas afro-indígenas no nordeste brasileiro, do paricá (*Virola* spp.; Myristicaceae) no noroeste amazônico, do yopo (*Anadenanthera* spp.; Leguminosae) na bacia do Orinoco e da ayahuasca – entre outras centenas de plantas e preparados vegetais – artefatos sagrados e instrumentos poderosos da cultura imaterial em diversas tradições ameríndias.

Estas plantas manifestam saberes ancestrais por meio de uma memória vegetal e se apresentam com a faculdade de ensinar ou de mediar processos de aprendizagem caracteristicamente associados à cura física e espiritual, assim como às tradicionais práticas divinatórias (ALBUQUERQUE, 2011).

Neste sentido, para melhor aprender – das e com as plantas – é necessário mobilizar certos saberes e cuidados rituais que promovam estados de expansão da consciência, como os jejuns e restrições alimentares e sexuais, assim como certa introspecção e elevação dos sentimentos e pensamentos, com o objetivo de ter limpos o corpo e a mente, para que o indivíduo possa incorporar de maneira profunda os saberes e manifestações, por meio dos quais estão codificados um conhecimento e um conjunto de valores, crenças e normas sociais dos povos da floresta (LUNA, 2011).

Trata-se de maneiras de aprender, com lógica e epistemologia próprias, baseada na experiência transcendente, por onde se desenvolvem ideais próprios sobre corpo, mente, espírito, matéria, ambiente e cultura, produtos da vivência cotidiana, das atentas observações e empirias dos povos da floresta.

Diversos estudos destacam o lugar privilegiado das plantas psicoativas como parte de um complexo cultural milenar, em que seu consumo se constitui em uma atividade altamente valorizada, cuidadosamente codificada, contida por regras imperiosamente observadas, cujo desvio enseja alguma punição de ordem espiritual.

O papel destas plantas não é suficientemente conhecido, embora autores importantes tenham especulado que tenham desempenhado um papel fundamental na constituição de muitos dos mitos, e na instituição das mais antigas tradições religiosas ao redor do planeta (GROB, 2002). De fato, estudos realizados a partir de sérias investigações fortemente baseadas em experiências transcendentais no contexto de uma tradição de uso ritual de cogumelos sagrados no México causaram grande impacto acadêmico ao aprofundar a tese que atestava uma associação direta entre fungos psicoativos e o fenômeno religioso.

O uso das plantas psicoativas deixa de ser apenas uma experiência subjetiva, para tornar-se, a partir de agora, um saber compartilhado, indicando um potencial

pedagógico destas plantas, na medida em que funcionam como mediadores entre os homens e os saberes necessários à reprodução da vida. O compartilhamento e a circulação destes saberes, viabilizando a manutenção da tradição é o centro dos processos de ensino e aprendizagem desencadeados pelo consumo de plantas psicoativas (CARNEIRO, 2002).

Será preciso proceder a uma cuidadosa investigação histórica, botânica e antropológica a fim de apreender os significados das distintas experiências de tipo psicoativa, uma vez que estas plantas não contem uma mensagem natural, cuja noção mesma seria contraditória. São, de outra maneira, detonadores ou amplificadores de um discurso e uma prática latentes, conservados em cada cultura, cuja elaboração, transmissão e circulação, estas plantas podem possibilitar ou facilitar.

A importância global do seu consumo, tanto no contexto de culturas indígenas quanto, mais recentemente, em algumas culturas sincréticas afro-indígena-brasileiras, faz da ayahuasca uma das mais importantes e complexas contribuições das culturas ameríndias, em termos de saberes e práticas ancestrais de culto por meio da sacralização de plantas (CARNEIRO, 2004). O uso ritual da bebida sagrada ayahuasca, um dos grandes empreendimentos da aprendizagem inventiva dos povos amazônicos, tem perdurado entre alguns grupos indígenas, sendo introduzido em outros grupos, os quais tradicionalmente não a utilizavam, assim como tem sido adotado por setores da população mestiça na Amazônia peruana, equatoriana, colombiana e brasileira.

Como é de se esperar diante da diversidade étnica panamazônica, são variáveis os contextos de uso e sacralização. Apesar de existirem extensas e antigas tradições indígenas e mestiças de uso desta bebida, o surgimento de expressões religiosas urbanas não indígenas, fundamentadas em seu consumo ritual é um fenômeno exclusivamente brasileiro, mais particularmente amazônico, abrangendo geograficamente – em sua origem – as bacias do Madeira, Purus e Juruá (GOULART, 2015), e atingindo atualmente todas as regiões brasileiras.

Ayahuasca, palavra originária do *quéchua* andino, pode ser traduzida literalmente como *cipó das almas* ou *corda dos espíritos*, entre outras denominações correspondentes, numa clara acepção que associa a forma da planta que lhe dá nome e origem, bem como ao conteúdo místico derivado de seu uso ritual. É conhecido como o único preparado tradicional, cuja atividade psicofarmacológica depende de uma interação sinérgica entre os alcaloides ativos de suas plantas constituintes (MCKENNA, 2002), a saber: as β -carbolicinas do tipo harmina e harmalina presentes no cipó e a DMT, principal constituinte psicoativo da folha rainha.

Num contexto indígena, esta bebida é conhecida por *yagé*, *natema*, *nepe*, *carpi*, *huni*, *nixi pae*, *shori*, *camarampi*, entre muitos outros. *Cipó*, *oasca*, *vegetal* e *daime* são denominações caboclas, de modo que esta bebida vem sendo utilizada tanto por grupos indígenas, quanto por populações mestiças na Amazônia, e atualmente, fora dos domínios da floresta, num recente processo de internacionalização, incluindo mais de 40 países ao redor do planeta (ASSIS e LABATE, 2014).

Procedimentos Metodológicos

Este artigo está metodologicamente fundamentado em pesquisa bibliográfica, concentrando-se nos estudos disponíveis na literatura sobre o tema do uso cultural das plantas mestres e sua ligação com os processos culturais de ensino e aprendizagem no contexto da tradição religiosa amazônica conhecida como Santo Daime. Por outro lado, é fruto de observação e experiência empírica própria e continuada com relação ao uso e cultivo das plantas sagradas nesta tradição.

De caráter e alcance preliminares, o texto se origina a partir de um projeto de doutoramento versando a respeito dos saberes e processos de aprendizagem no contexto desta tradição de sacralização de plantas psicoativas da floresta amazônica.

Embora vastíssima a dimensão cognitiva no contexto desta tradição, procuramos refletir neste curto espaço exclusivamente a respeito dos saberes associados ao corpo, ao espírito e aos processos divinatórios e de cura de pessoas comuns em contato com a bebida sagrada.

Para tanto, lançamos e discutimos trechos de relatos de participantes neófitos e experientes transpostos da obra de um famoso neuropsicólogo americano (METZNER, 2002). Motivaram sua tessitura, um conjunto de questões relevantes, associadas aos processos de transmissão e circulação de saberes. Neste complexo universo, procuramos refletir sobre como os saberes práticos contidos na experiência com o Santo Daime consubstanciam os processos de transmissão, circulação de saberes e aprendizagem significativa.

Resultados e Discussão

Desde as mais remotas, até as descrições mais recentes dos usos rituais de plantas, temos observado certo escamoteamento no âmbito das dimensões cognitiva, espiritual e pedagógica na história cultural das plantas sagradas amazônicas. A intenção inicial é, portanto, demonstrar a existência real de uma experiência cognitivo-pedagógica nesta tradição amazônica de sacralização de plantas.

Trata-se de uma experiência cognitiva em que o professor, uma entidade imaterial habita uma bebida preparada por meio da combinação ancestral de plantas nativas da floresta. O exame do referencial teórico a respeito das plantas sagradas, permitiu-nos organizar um conjunto de saberes emergentes a partir da experiência de uso de três informantes.

Esta classificação dos saberes circulantes no Santo Daime é aqui apresentada de maneira meramente didática, uma vez que tais saberes não são mutuamente excludentes, e podem inclusive se achar sobrepostos, configurando-se de maneira complementar como: (1) *saberes filosóficos* (autoconhecimento); (2) *saberes medicinais* (curas e bem-estar físico e espiritual); (3) *saberes éticos* (respeito pelos seres vivos e elementos naturais associados); (4) *saberes artísticos* (música, canto, pintura e artes visuais em geral); (5) *saberes políticos* (convivência, empatia, harmonização de conflitos e cultura de paz); e finalmente (6) os *saberes práticos*, estes, associados à identificação, classificação, cultivo e manejo das plantas sagradas.

Destaca-se aqui a dimensão pedagógica da experiência com as plantas sagradas no Santo Daime, a partir da qual estas são sentidas e percebidas como “a fonte do conhecimento necessário para se viver corretamente, tanto no aspecto da moral e conduta pessoal”, como na forma esperada de comportamento, na relação com os outros membros da sociedade, com os ancestrais, com os seres do mundo natural e também supranatural, “sendo o uso do cipó, um fator de coesão grupal, servindo à definição das fronteiras culturais dos grupos” (LUZ, 2002).

Trazemos, nesse sentido, excertos de relatos encontrados no clássico trabalho do neuropsicólogo Ralph Metzner, no qual trata do uso ritual de psicoativos, dos estudos da consciência e do espírito da natureza.

Iniciamos com o relato de um psicólogo estadunidense de nome Raoul Adamson, à época com exatos 50 anos de idade, onde narra sua experiência com a ayahuasca, ilustrando vários elementos clássicos das visões espirituais produzidas pela bebida sagrada amazônica, seu encontro com seres supranaturais e espíritos inteligentes que o ensinam e curam de doenças espirituais ao longo da jornada xamânica.

Consta também neste relato um aprendizado no campo estético do cântico, o qual se estabelece como uma ferramenta xamânica de defesa contra os inimigos como em uma batalha espiritual. Surgem, igualmente, questões importantes quanto aos processos de percepção e julgamento moral, além de um profundo sentimento de gratidão, após o conhecimento do mundo espiritual provocado pela ingestão ritual da bebida sagrada.

Sobre a visão de serpentes míticas contidas na experiência extática com a bebida sagrada amazônica, diz que “a visão [desta serpente gigantesca] não evocava em mim o menor sinal de medo; ao contrário, minha resposta emocional era de reverência e humildade diante da magnitude e do poder espiritual de tal ser”. Continua narrando: “lembrei-me das pinturas de Pablo Amaringo que descreviam esta imensa serpente como o espírito-mãe, sobre o qual muitos outros espíritos menores fazem sua viagem”.

“A única mensagem que estes seres repetiram inúmeras vezes foi: ‘você não tem de fazer nada!’ E assim, incorporando a morte, a decadência, a doença e outros horrores inimagináveis na sua dança da transformação, fez-se profundamente em mim uma cura interior, e de tal modo que me parecia inteiramente independente de qualquer intervenção de minha parte. Ao ver que estava sendo iniciado na antiga linhagem de curandeiros visionários, prostrei-me maravilhado!” (METZNER, 2002, p. 45).

Sobre os fenômenos naturais do nascer e morrer, relata o psicólogo experimentador:

“(…) cheguei à conclusão de que as capacidades racionais e reflexivas não são prejudicadas durante essas jornadas interiores. O que ocorre é a adição de uma nova e imensa variedade de percepções não racionais e hipersensoriais. De qualquer forma, pude me ver aprendendo aqueles ensinamentos que dizem respeito às atitudes e ações diante das visões. Na parte final desta viagem, deparei-me com a visão de uma menina, de seis ou sete anos, cujo conhecimento pessoal era muito antigo, e que viria a ser minha filha. E esta foi realmente uma visão premonitória, pois no ano seguinte ela nasceu. Fiquei bastante contente ao comprovar que

não só o tempo, como também minha morte e o nascimento da minha filha encontravam-se acima de mim” (METZNER, 2002, p. 54).

Madalena Fonseca, jornalista brasileira de pouco mais de 30 anos, descreve sua experiência no contexto do Santo Daime, onde vivencia o enlace sagrado de Jesus e Maria, as ilusões e as máscaras nos emaranhamentos da personalidade, seu sacrifício pelo fogo e a libertação cósmica da sua consciência.

Desta maneira está narrado:

“O fogo, agora na minha cabeça, abria canais dentro do meu cérebro. O calor, cada vez mais intenso, fazia parecer meu corpo arder em chamas, e eu sentia a dor da carne queimando. Então, já que não restara nenhum pedaço de mim, despertei para um tipo de realidade fundamental que chamarei Vazio. Depois desta experiência, minha vida ganhou um sentido de leveza mais iluminado, além de adquirir mais humor, perdão, aceitação, compaixão e responsabilidade, não somente em relação às minhas ações como também a qualquer coisa que me possa ocorrer. Não tenho dúvida que esta experiência atuou nas profundezas do meu inconsciente, e que seu trabalho se reflete na minha vida cotidiana. O maior presente que recebi do *daime* foi compreender que o Vazio é um espaço dentro de mim, que está sempre à vista, real, possível e disponível. Não é por acaso que ele significa “dai-me” (METZNER, 2002, p. 153).

Um terapeuta de aproximadamente 40 anos de idade, relatando sua experiência extática com o Santo Daime, narra uma cerimônia ocorrida numa igreja *daimista* em Manaus, e conclui da seguinte maneira aquela noite espiritual:

“Ao terminar a cerimônia, dirigi-me à mata para ficar sob as estrelas. Eu me sentia entre o Céu e Terra, próximo às estrelas e à Gaia. A presença da Mãe Maria também era muito forte. Mas sua apresentação não foi aquela tradicional. Surgiu como o princípio feminino que tinha criado a abundância da Amazônia, e como a folha doadora das visões do Daime. Fui cuidadoso e a Rainha da Floresta abençoou-me” (METZNER, 2002, p. 164).

Considerações Finais

O saber é feito de experiências e práticas tornadas hábitos e evidências intuitivas. Constitui competência, é uma capacidade prática. Não pode ser destacado dos indivíduos que o praticam, sequer avaliado em equivalente monetário. Resulta da experiência comum da vida em sociedade e não pode ser legitimamente assimilado por alguma força externa, de caráter expropriatório (GORZ, 2005).

A partir de processos cognitivos, associados aos usos rituais de plantas psicoativas amazônicas, este artigo visou examinar, compreender, assim como dar publicidade às grandes questões que tocam aos usos contemporâneos das plantas sagradas na panamazônia.

Dedicamo-nos a descrever alguns dos aspectos mais caros à *experiência pedagógica* no contexto da ayahuasca e do Santo Daime por meio de relatos de pessoas comuns,

normalmente alheias aos contextos religiosos em que realizaram suas jornadas místico-transcendentais com auxílio da bebida sagrada da floresta.

Ao examinarmos brevemente a circulação de saberes associados aos processos de uso e expansão das plantas sagradas, apontamos para uma ligação, em rede, deste tema, com questões mais amplas, ligadas ao reconhecimento e à legitimação dos direitos, saberes e conhecimentos dos povos indígenas e tradicionais na Amazônia; à conservação do patrimônio genético da biodiversidade amazônica; ao controle social e à regulamentação do uso de substâncias psicoativas em contexto religioso, principalmente num contexto de internacionalização; e, finalmente, às disputas em torno de projetos de sustentabilidade e sua relação com as políticas ambientais na Amazônia.

As formas de controle social e regulamentação do uso de substâncias psicoativas como as encontradas nas plantas sagradas do Santo Daime tem sido objeto de pesquisa em nível global, suscitando, além dos tradicionais embates éticos e jurídicos, o problema da sustentabilidade material dos processos de uso, coleta, cultivo, beneficiamento, manejo e circulação destas plantas e da bebida sagrada no país e no exterior.

Tratando-se de plantas de uso ritual no contexto de diversas tradições indígenas e caboclas originalmente amazônicas, os processos de conhecimento em interesse revelam uma breve amostra da diversidade de saberes locais sobre o mundo vegetal e as relações sociais, ecológicas e espirituais que estabelecem as pessoas e as culturas com estas mesmas plantas, dentro de contextos de uso e sacralização.

São plantas feitas alimentos do espírito, cuja força e luz fazem transcender a velha noção de plantas úteis, a partir de um ancoramento estritamente material, pois como afirma William James já nos idos de 1912, republicado em 1996 sob o título *Essays in Radical Empiricism*,

“(...) todo conhecimento deriva da experiência, entretanto, o empirismo radical não precisa admitir na sua construção qualquer elemento diretamente experimentado, nem excluir dele qualquer elemento que não seja diretamente experimentado. As relações que fazem a conexão das suas experiências devem ser elas mesmas experimentadas; por isso qualquer tipo de relação já experimentada deve ser considerada como *real*, ou seja, como um algo a mais já inserido no sistema (JAMES, 1996 apud METZNER, 2002, p. 41).

Embora as experimentações pedagógicas ou de aprendizagem a partir de estados alternos de consciência não devam ser jamais negligenciadas, é fato que tenham sido correntemente excluídas ao longo da história da ciência de recorte materialista e reducionista.

Neste sentido, a ideia de uma pedagogia das plantas psicoativas ora apresentada não quer sugerir que, a partir de então, devemos nos esquecer das escolas tradicionais e se dedicar à difícil e estreita travessia do caminho da purga, da limpeza material e da vida espiritual por meio das chamadas *plantas de poder*. Antes, será necessário procurar conhecer-se por dentro e apreender humildemente as ocultas lições de vida oriundas da experiência transcendente com estes professores do mundo vegetal.

Referências

- ALBUQUERQUE, M. B. B. **Epistemologia e saberes da Ayahuasca**. Belém: EDUEPA, 2011.
- ASSIS, G. L.; LABATE, B. C. Dos igarapés da Amazônia para o outro lado do Atlântico: a expansão e internacionalização do Santo Daime no contexto religioso global. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, RJ, v.34, n.2. p. 11-35, jul/dez. 2014.
- CARNEIRO, H. **Amores e sonhos da flora: afrodisíacos e alucinógenos na botânica e na farmácia**. São Paulo: Xamã, 2002.
- CARNEIRO, H. As plantas sagradas na história da América. **Varia Historia**, Belo Horizonte, MG, v.20, n.32, p. 102-119, jul. 2004.
- FURST, P. **Alucinógenos y cultura**. 2 ed. Fondo de Cultura Económica, México, 1980.
- GORZ, A. **O Imaterial: conhecimento, valor e capital**. São Paulo: Annablume, 2005.
- GOULART, S. 2015. As religiões ayahuasqueiras do Brasil. In: BOKANY, V. (org.) **Drogas no Brasil: entre a saúde e a justiça, proximidades e opiniões**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015. p. 237-265.
- GROB, C. S. A Psicologia da Ayahuasca. In: METZNER, R. (org). **Ayahuasca: alucinógenos, consciência e espírito da natureza**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2002. p. 195-225.
- LUNA, L. E. Indigenous and mestizo use of Ayahuasca. An overview. In: SANTOS, R. G. (ed). **The Ethnopharmacology of Ayahuasca**. Kerala, India, p. 1-21, 2011.
- LUZ, P. O uso ameríndio do caapi. In: LABATE, B. C.; SENA ARAÚJO, W. (orgs.). **O uso ritual da Ayahuasca**. Campinas: Mercado de Letras, p. 35-65, 2002.
- MCKENNA, D. J. Ayahuasca: uma história etnofarmacológica. In: METZNER, R. (org). **Ayahuasca: alucinógenos, consciência e espírito da natureza**. Rio de Janeiro: Gryphus, p. 172-194, 2002.
- METZNER, R. (org). **Ayahuasca: alucinógenos, consciência e espírito da natureza**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2002.